

ASSOCIATIVISMO E VOLUNTARIADO: COMUNICAÇÃO E FESTA NA ALDEIA GLOBAL

Paulo Costa Garcia

O Tema da Festa tem uma enorme importância comunicacional para o sector social do associativismo e voluntariado. É na Festa e pela Festa que se afirmam muitos dos valores simbólicos e factores materiais que condicionam a vida das organizações; Estado, empresas e associativismo.

Desde logo convém recordar que uma percentagem muito significativa das populações dos países mais desenvolvidos investem uma parte importante do seu tempo e dinheiro nas Organizações Não Governamentais (ONGs) por várias razões.

Como forma de celebrar e glorificar certas entidades colectivas, certas datas, certos rituais. As Grandes Festas Religiosas sempre foram formas de Celebrar e Glorificar momentos importantes da vida colectiva. No Natal e na Páscoa por exemplo, milhões de pessoas por todo o Mundo e centenas de milhares de organizações celebram estas Festas com um grande investimento simbólico e material na solidariedade humana e no Amor ao Próximo. Neste aspecto podemos interrogar-nos; constituem estas e outras grandes Festas momentos de Relações Públicas para pessoas e organizações ou verdadeiros momentos de transformação social e espiritual?

Todas as Grandes Religiões prometeram e prometem uma Nova Civilização plena de Amor e de Harmonia que seria o contraponto do Antigo e Actual mundo materialista impregnado de ódio, violência e desejos materialistas. No entanto os vários projectos cristãos, budistas, judaico, muçulmano, xintoístas, hindu, que se procuraram manifestar ao longo da história da humanidade nunca foram capazes de contrariar os Estados, os seres humanos em geral, nos seus desejos de Conquista e de transformação material da natu-

reza e das sociedades. Hoje em dia todas as Grandes Religiões são constituídas por milhares de ONGs que procuram promover os sonhos altruístas dos Fundadores das Grandes Religiões.

A Festa enquanto momento de puro prazer egocêntrico é relativamente recente na História da Humanidade. As várias civilizações que passaram por este Planeta sempre fundamentaram as Festas em torno de Momentos Sobrenaturais importantes, normalmente coincidindo com as estações do Ano e os solstícios de Verão e Inverno, recolhas das Colheitas e outros momentos importantes nos ciclos naturais e na existência das comunidades. A Festa tinha pois um sentido de Glorificação do Divino. Mesmo civilizações guerreiras e materialistas como o Império Romano nunca esqueciam os seus Deuses e não passava pela cabeça de nenhum general Romano iniciar qualquer actividade importante sem homenagear os Espíritos dos Antepassados, como acontece ainda hoje com muitos tribos primitivas por esse mundo fora. A Festa enquanto puro prazer hedonista, destituída de relação profunda com a Natureza ou com o Divino, parece ser o fruto de uma concepção capitalista das Relações Públicas generalizadas que procuram que tudo seja Imagem Positiva, que cada organização e Ser Humano afirme uma mensagem positiva, destituída de relação transcendental e submetida a objectivos materialistas que muitas vezes se procuram afirmar por uma generosidade concreta. Festa em favor das vítimas da doença Y, Festa em favor das crianças com doença X, etc, etc... Atenção que no início das Relações Públicas no mundo capitalista, em especial nos Estados Unidos, a Ética Protestante de afirmação pelo trabalho e por um Don de generosidade ao próximo, sempre esteve muito presente, mas foi também sempre muito criticada por constituir uma fachada, uma Imagem de adoração de Cristo, quando por detrás seria uma Adoração do Bezerro de Ouro.

É inacreditável a quantidade de organizações que se consideram proprietárias de JESUS CRISTO utilizando-o como símbolo de Relações Públicas para as suas estratégias de poder.

De forma paradoxal, a civilização dita cristã, teria constituído uma série de ícones poderosos em termos de Relações Públicas, que permitiriam uma constituição de sentido agradável para a sociedade capitalista, quando esta é destruidora da Natureza e procura através da Ciência alterar as percepções profundas e as experiências antropológicas que milhões de seres humanos viveram ao longo dos séculos. Hoje as modernas sociedades científicas e pós-capitalistas parece que procuram transformar o “sapiens sapiens” numa outra espécie, geneticamente condicionada, robotizada e plena de artefactos técnicos que são extensões do corpo do ser humano; extensões neuronais de

redes virtuais e de máquinas diversas das quais o automóvel, o PC e o telemóvel se tornaram as mais emblemáticas.

Este admirável Mundo Novo pleno de Festa quotidiana mascara vários projectos totalitários. Desde logo a ideia de várias empresas, sobretudo norte americanas, de fazer da Festa um momento de todos os dias, de fazer do trabalho uma Festa que se celebra constantemente, amarrando literalmente o ser humano ao seu PC/posto de trabalho, 24 horas por dia, desvirtua o sentido da Festa como algo de Sagrado e único na Vida das Comunidades. A Festa banalizou-se, paganizou-se a uma escala que nenhuma sociedade tradicional pagã poderia imaginar porque mergulha no Vazio e na ausência de sentido de que nos fala Lipovestsky.

A comunicação passou também a ser entendida como um trabalho de controle amarrando o ser humano 24 horas por dia ao telemóvel, televisão, computador e automóvel. O ser humano que não esteja constantemente controlado por estes artefactos será certamente um perigoso agitador, um CRISTO ressuscitado que tentaria escapar ao mais perigoso controle identitário de toda a história da humanidade. Diz o teu e-mail, o teu número de telemóvel, o teu número de cartão de crédito e a NSA e a CIA americanas dir-te-ão quem és, onde estás, o que pensas, o que fazes, a que organizações e causas estás ligado e se és ou não perigoso para o Sistema. Mesmo o maior libertário, a pessoa mais de esquerda que é possível imaginar, não quer estar contra o Sistema porque isso é sinónimo de ficar de fora da Grande Festa. O que os Novos Movimentos Sociais em torno de Organizações Não Governamentais Internacionais pretendem é a humanização da Grande Aldeia Global, é a reforma social democrata do capitalismo que permita a sua sobrevivência, ou seja, evitar grandes cataclismos. Muitos dos movimentos anti-globalização neoliberal criticam o actual presidente dos Estados Unidos por este achar que tem uma missão divina e ser fanático, só que aquilo que inconscientemente muitos seres humanos pressentem é que a missão divina de BUSH pode ser a destruição da actual civilização e não a sua Salvação. O actual Sistema socio-económico sempre foi salvo da ruína por acções reformistas, conjugadas com acções de caridade associativa. transpostas para o grande Público por poderosas máquinas de Relações Públicas. Do ponto de vista das Relações Públicas da Aldeia Global, o actual presidente made in USA, não é o melhor rosto para a Grande Festa. Bill Gates que sempre apoiou os democratas é um rosto mais simpático porque doou uma enorme fatia da sua fortuna para acções de caridade, parece assim compreender o que é a social democracia porque pagou um “imposto social” reformista. Deste pondo de vista é a anti-tese dos ricos de países do Terceiro Mundo, como Portugal, que por

nunca quererem pagar nada da “Grande Festa” destruíram este país enquanto Estado/nação.

Os Deuses da actual civilização precisam de saber com precisão onde está cada ser humano, o que pensa e o que está a fazer. George Orwell ficou bastante aquém do controle espiritual que se verifica nos nossos dias. Muitos interpretaram a mensagem do “Big Brother” como uma crítica ao Estalinismo, mas a ditadura Estalinista era muito pouco eficaz porque era cruel e brutal, só conseguindo resultados a curto prazo, quando comparada com o actual projecto totalitário de controle e manipulação através da Festa e do Prazer e de objectivos aparentemente altruístas.

Misturam-se hoje em dia nas mais variadas organizações elementos positivos e negativos numa espiral nunca antes vista na história da Humanidade. Uma Festa de um partido de Direita que procure celebrar o objectivo aparentemente justo da luta contra o aborto e por uma sexualidade mais pura, não será pervertido pelo apoio a objectivos de lucro que destroem seres humanos trabalhadores e recursos naturais raros como a água ou os combustíveis fósseis? A privatização e poluição da água, por exemplo, faz com um bem aparentemente universal se torne propriedade só de alguns, para que através da festa pagã capitalista se possa vir a celebrar uma pequena garrafa de água mineral como algo de raro e caro. Deste ponto de vista estudos sobre a natureza profunda das grandes multinacionais capitalistas, como o estudo recente da organização ATTAC NO CANTÃO DE Vaud na Suíça, sobre a multinacional Nestlé, permitem-nos descobrir que por detrás de Festivos projectos de Relações Públicas escondem-se objectivos de lucro material que podem pôr em causa acesso universal a certos bens.

Ninguém pretende demonizar a sociedade capitalista. A actual civilização é portadora de sinais de esperança para milhões de seres libertados de projectos feudais e escravagistas que não eram menos materialistas do que a actual civilização. O que há de novo com a perda de sentido teleológico provocado por esta civilização, é que se verifica uma crença excessiva nos poderes da técnica, um investimento excessivo em armamento altamente destruidor, como é o caso do nuclear. É como se a Humanidade procurasse inconscientemente um gigantesco “potlach”, uma destruição primitiva de todos os bens materiais. Porque a Festa Total tem uma relação estreita com o Apocalipse, o fim de um ciclo e o retomar de outro. A Festa enquanto momento total de celebração pode pressupor o fim de um ciclo e novo começo. A Festa do Nascimento de Cristo, em princípio, deveria assinalar um novo começo, assim como a Páscoa. Nascimento e morte cruzam-se na Festa para dar sentido a uma nova alma e a novo projecto. O Nascimento de

Cristo, a Paixão e Ressurreição de Cristo, e as Festas pagãs do Dia dos Mortos ou do Carnaval são momentos de passagem para novas fases de evolução espiritual moral e humana. A Comunicação subjacente a estes momentos é muitas vezes contraditória, dual e paradoxal. Paradoxal porque não se compreende muitas vezes onde está uma Nova Vida, um novo Recomeço. Assim no Natal temos simultaneamente uma Festa capitalista com um ícone, o Pai Natal, trabalhado em termos de design nos tempos modernos pela Coca Cola, um momento de celebração pagã pleno de consumismo, com a celebração da Alegria e da solidariedade por milhares de ONGs em todo o mundo.

Temos que assinalar que do ponto de vista de objectivos comunicacionais de Relações Públicas, em termos de associações voluntárias, neste Natal como nos anteriores festejados no século XX, a Igreja Católica será o único grande conglomerado de organizações voluntárias que estará presente em todos os locais do mundo, em todos os estratos sociais, em todas as línguas, em todos os países. Mais nenhuma grande organização religiosa conseguiu ultrapassar limites geográficos, classistas, ideológicos e culturais. Deste ponto de vista a Igreja Católica é de facto, perdoe-se a tautologia, a única ONG Universal. A Mensagem de Cristo ultrapassa bastante em termos sobrenaturais os limites burocráticos que uma qualquer organização sempre possui e a sua afirmação comunicacional oral e não escrita faz-nos recordar algo de muito importante para o nosso tema. A Comunicação Não verbal através do Amor Universal pode ser de facto a Festa mais poderosa e a Segunda Vinda de Jesus Cristo à Terra o maior acontecimento mítico e histórico que é possível imaginar.